

O RIO NU: AS MULHERES NAS CAPAS DO PRIMEIRO JORNAL PONOGRÁFICO CARIOSA (1908-1909)

ANDRIELI PAULA FRANA¹;
ELISABETE DA COSTA LEAL²

¹ Mestrado em história Universidade Federal de Pelotas- andrieli_paulafrana@hotmail.com

²Departamento de história Universidade Federal de Pelotas – elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho abrange a dissertação que está sendo desenvolvida pela autora, intitulada “*Repara só, leitor, na perfeição completa d’esse busto*”: o “erotismo” feminino nas capas do periódico carioca *O Rio Nu* (1908 – 1909). *O Rio Nu* era um jornal “bi-semanal, caustico, humorístico e ilustrado” (*O RIO NU*, n. 498, 1903). Fundado em 1898 por três jovens jornalistas, Heitor Quintanilha, Gil Moreno e Vaz Simão. Era editado e publicado na cidade do Rio de Janeiro, suas primeiras edições se compunham com quatro páginas carregadas de sátiras e piadas eróticas, destinado ao “homem moderno” – o *smart*- da virada do século XX. A partir de 1903 a direção muda e vai para as mãos de J. Moraes C., que também transforma o visual do jornal, trazendo tecnologias que permitem a impressão de desenhos e fotogravuras, além de aumentar o número de páginas para oito. O periódico foi publicado até dezembro de 1916, completando 18 anos de existência e 1732 números.

As capas analisadas nesta pesquisa estão presentes entre os números 1044 e 1144, que abrangem os meses de julho de 1908 à junho de 1909, por esta razão o recorte temporal. As fotografias e poemas aparecem em outros números nos anos posteriores, mas estes são esparsos, além, de serem uma reedição das capas dos anos citados. Todos os números do jornal utilizados neste trabalho estão disponíveis *online* no site Hemeroteca Digital¹, arquivo da Biblioteca Nacional. As fotografias, segundo o próprio jornal, foram retiradas da publicação francesa *L'Étude académique: revue artistique illustrée, documents humains*., que descobrimos estar disponível para consulta no acervo *online* Gallica², pertencente a Biblioteca Nacional da França. Esta publicação era um tipo de “manual” para artistas e fotógrafos amadores lidarem com diferentes situações e modelos em seus trabalhos.

Este trabalho tem como objetivo, a partir da análise das capas do jornal, compreender como este construía e reproduzia as mulheres ali retratadas. Levando em consideração o histórico do *O Rio Nu*, leva-se em conta as questões de gênero e corpo, além do aspecto técnicas presente nas capas.

2. METODOLOGIA

O jornal inaugurou o “gênero alegre” tornando-se inspiração para diversas publicações posteriores como *O coiô*, *O tagarela* e o *Sans Dessous*. Estas impressos se caracterizavam “[...] pelo uso de uma linguagem dúbia, maliciosa,

¹ Ver mais em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>

² Ver mais em: <https://gallica.bnf.fr>

em que o elemento obsceno velado era fruto da exploração da polissemia dos vocábulos" (PRETTI, p. 28, 2010), relacionando diferentes situações e notícias a conotações sexuais. Outrossim, o jornal fazia parte do seguimento da imprensa ilustrada, utilizando-se de um dispositivo "visual" para atrair o público e demonstrar sua modernização.

As origens desse "gênero alegre" ou, também chamadas, publicações "para se ler com uma única mão" (EL FAR, 2004, p. 184) se dão a partir de uma relação direta de importação de periódicos da Europa. Estas publicações, consideradas pornográficas, surgem na Europa, principalmente na França, sendo conhecidas por grande parte da população já que ganharam espaço se constituindo enquanto uma publicação "popular" e de baixo custo. Este gênero literário ganha espaço com a modernidade e o barateamento e abertura do mercado editorial a diferentes camadas sociais, indo para além dos livros (HUNT, 1999, p. 13).

Dito isso, vemos a importância de apresentar as questões de gênero que irão nortear as análises das capas do *O Rio Nu*. A pornografia como um objeto cultural, constrói e reconstrói um imaginário sobre o sexo, gênero e moralidade (NUNES, 1997, p. 20). Pensando nessa construção de gênero é que este trabalho foi, e está sendo, desenvolvido, entenderemos o gênero a partir de uma perspectiva de não separação entre gênero/corpo/sexo. O gênero está diretamente relacionado com a construção social e cultural que os grupos fazem de sexo e corpo.

Scott traz uma reflexão relevante para pensar o gênero, a de que não há uma única definição para gênero, sendo ele "uma tentativa historicamente e culturalmente variável, de proporcionar uma grade de inteligibilidade para o sexo; como tal, nunca poderá ser preso a uma única definição"³ (SCOTT, 2018, p. 17). Para a autora esse possibilidade de não limita-lo a uma única definição é o que faz "o gênero continua sendo uma categoria útil para análise histórica"⁴ (SCOTT, 2018, p. 17). Essa possibilidade de abertura do conceito permite pensá-lo em conjunto com outras questões, como poder ou corpo. Ainda, pensar o gênero não apenas como "onde estavam as mulheres em determinado momento histórico?", mas como se pensava o sexo e como este poderia ser usado para construir o gênero e outras categorias, e vice e versa (SCOTT, 2018, p. 20).

A dissertação é dividida em três capítulos, no primeiro tratamos da imprensa brasileira em suas origens, perpassando o surgimento do periódico *O Rio Nu* e as discussões acerca do estilo "humorístico/pornográfico". No segundo pensamos a utilização do gênero pornográfico e outras publicações "populares" como fonte para a pesquisa histórica. Além disso, adentramos a uma discussão sobre a utilização do corpo na mídia pornográfica, principalmente do corpo feminino. No último e terceiro capítulo, utilizamos das capas do *O Rio Nu* para explorar a construção de mulher feitas nos poemas e fotografias presentes nas mesmas, qual era passado pelo editorial do periódico aos seus leitores. A seguir apresentamos uma das capas analisadas na pesquisa.

³ Tradução nossa, original: "a historically and culturally variable attempt to provide a grid of intelligibility for sex; as such it can never pinned down to a settled definition." (SCOTT, 2017, p. 17)

⁴ Tradução nossa, original: "gender continues to be a useful category for historical analysis." (SCOTT, 2017, p. 17)



O Rio Nu, n. 1111, capa, 06 mar. 1909.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para discutir o contexto de formação da imprensa brasileira e seu percurso para o surgimento de uma imprensa ilustrada no Brasil, qual *O Rio Nu* se identifica, recorremos Sodré (1999), Martins e Lucca (2012), El Far (2004), Bahia (1990) e Azevedo (2010). Para o debate sobre a existência do gênero pornográfico, utilizamos Hunt (1999), Goulemont (1994) e Alexandrian (1993), e discutimos a relação que este gênero pode ter com o erotismo conceituado por Bataille (2017) e Albertoni (1988). Ainda, exploraremos nossa fonte, *O Rio Nu*, discorremos como se dá a sua fundação, em 1898, e suas características enquanto um jornal voltado ao público masculino, até o encerramento de suas atividades no anos 1916. Para este utilizamos algumas autoras que empregaram o jornal como fonte para suas pesquisas, El Far (2004), Peçanha (2013) e Pereira (1997).

Recorremos a antropologia para pensar o conceito de corpo, que premeia toda análise, com LeBreton (2013) e Mauss (1974), além do historiador Laqueur (2001), que discorre sobre as relações entre sexo/gênero/corpo historicamente e como estes se relacionam e se transformam. Auxiliando nossa análise de gênero, além de Scott (2018), utilizamos Piscidelli (2009), que trata da constituição histórica do gênero como um conceito de análise, e a crítica a concepção de gênero/sexo como “excludentes” feita por Nicholson (1999).

4. CONCLUSÕES

Pensamos como *O Rio Nu* imaginava e construía a mulher presente em suas capas. Procuramos entender a correlação entre a forma como se via o “ser mulher” (que mulher seria está?) cultural e socialmente difundidos na elite brasileira do século XIX, reproduzidos nas capas do jornal, tendo em vista, que a imagem feminina apresentada pelo periódico não se separava das outras formar de conceber as mulheres reproduzidas em seu meio. Os primeiros artigos a pensar a sexualidade surgem com as anarquistas no início do século XX, as discussões sobre “objetificação” e a sexualização da imagem feminina aparecem com maior intensidade a partir dos anos 70. Esta discussão, das formas visuais de exposição femininas, que pode nos parecer “óbvia”, ainda tem uma trajetória modesta dentro da gama de pesquisas relacionadas a gênero e mídias no Brasil. A forma como a pornografia se utiliza do corpo da mulher para a satisfação, especialmente, masculina, não se desenvolveu tão rapidamente quando as tecnologias que produzem e reproduzem as mesmas

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAR, Alessandra El. **Páginas de Sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Redatores, livros e leitores em *O Patriota*. In: KURY, Lorelai (Org.). **Iluminismo e Império no Brasil**: *O Patriota* (1813 – 1814). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007. p. 41 – 66.
- GOULEMONT, Jean Marie. **Forbbiden Texts**: Erotic Literature and its Readers in Eighteenth-Century France. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1994.
- HUNT, Lyn (Org.). **A invenção da pornografia**: obscenidades e as origens da modernidade, 1500 – 1800. São Paulo: Hedra, 1999.
- LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o Sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LUCCA, Tânia Regina. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)**. São Paulo: Unesp, 2011.
- PEÇANHA, Natália Batista. **“Regras de civilidade”**: Tecendo a masculinidade do *smart* nas páginas d’*O Rio Nu* (1898-1916). 2013. 162p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e sociais, Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.
- PEREIRA, Cristiana Schettini. **Um gênero alegre**: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898 – 1916). 1997. 208 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gender and the Politics of History**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2018.